



## **<sup>1</sup>Campus – Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília**

<sup>2</sup>Camila Guedes Camelo De Jorge

<sup>3</sup>Solano Nascimento

Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **Resumo**

O Campus é o jornal laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Ele é produzido pelos alunos de Jornalismo do sexto semestre e tem como objetivo mostrar ao estudante como é o funcionamento de uma redação na prática. Por isso, todas as funções diretamente envolvidas na produção de um jornal, como as de repórteres, editores e fotógrafos, existem também no Campus e são ocupadas, obrigatoriamente, por alunos. A cada edição existe uma troca de funções, o que permite que os estudantes experimentem diferentes cargos e, assim, terminem o semestre com uma visão clara de cada etapa que é necessária para que um jornal saia da gráfica e vá diretamente para o leitor. Os jornais apresentados neste estudo são as cinco edições produzidas pelos alunos da disciplina Campus II durante o primeiro semestre de 2009.

Palavras-chave: jornalismo; prática; laboratório.

### **Introdução**

O jornal Campus é um dos mais longevos jornais laboratórios do país e neste ano completará quatro décadas de distribuição ininterrupta. Até o segundo semestre de 2009, estavam sendo feitas cinco edições semestrais, número que passou para seis a partir do primeiro semestre de 2010. O periódico é totalmente produzido e distribuído pelos alunos do sexto semestre do Curso de Jornalismo da UnB, que para isso dispõem de 16 horas semanais de aula, divididas em quatro manhãs. Atualmente são impressos 4 mil exemplares de cada edição. Esses exemplares são distribuídos nos quatro campi da Universidade e também em assessorias de Comunicação dos executivos federal e distrital e do Congresso Nacional. Exemplares também são levados pelos alunos a redações de rádios, televisão e jornais instaladas em Brasília, o que faz com que matérias produzidas pelo Campus sejam algumas vezes reaproveitadas por outros veículos de comunicação.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório impresso.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UnB, email: [camila.djorge@gmail.com](mailto:camila.djorge@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAC-UnB, email: [solano.nascimento@uol.com.br](mailto:solano.nascimento@uol.com.br)



## **Objetivo**

Este artigo procura descrever todo o processo de produção do jornal Campus, desde a preparação dos projetos editorial e gráfico até a distribuição do jornal. A intenção é mostrar como o envolvimento, a autonomia e o trabalho dos alunos resulta em reportagens importantes e interessantes. Essas reportagens, além de ajudarem na formação dos estudantes, também tornam o Campus um jornal atrativo e relevante para o leitor.

## **Justificativa**

A disciplina Campus II, na qual é produzido o jornal Campus, busca, como a maioria dos jornais laboratório, oferecer ao aluno a possibilidade de experimentar na prática o que é ser um jornalista de verdade. No Campus, os alunos têm a possibilidade de coordenar editorias inteiras, por exemplo, além de ter contato direto com outras áreas do jornalismo, como a fotografia e a diagramação. A disciplina dá também ao estudante o que raramente algum estágio pode oferecer: uma visão geral do que acontece em uma redação e como um jornal realmente é feito. Há algumas especificidades na produção do jornal Campus que merecem ser discutidas. O trabalho dos estudantes inclui a criação e o cumprimento de projetos editorial e gráfico, o uso de ferramentas complexas de apuração jornalística e o acompanhamento de temas que têm grande ligação com o fato de o jornal estar sediado na capital do país.

## **Métodos e técnicas utilizados**

Este artigo foi produzido a partir de uma combinação de métodos. Em primeiro lugar, por suas características básicas, utiliza a técnica do estudo de caso, assim descrita por Antônio Chizzotti:

[...]é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que colegam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a



seu respeito ou propor uma ação transformadora. (CHIZZOTTI, 2000, p.102)

Como se debruça sobre jornais produzidos pelos alunos no primeiro semestre de 2009, o estudo também se utiliza da análise documental. Na avaliação de Elisabete Matallo de Pádua, esse tipo de análise, “realizada a partir de documentos cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas Ciências Sociais” (1999, p.57). De forma não ortodoxa, também pode-se encontrar aqui princípios de observação participante, já que os dois autores do artigo estiveram envolvidos na produção do jornal analisado.

### **Descrição do processo**

No início de todo semestre, a disciplina Campus II recebe em torno de 30 alunos que deverão criar um jornal a partir do zero. Isso significa que, apesar de o jornal continuar a se chamar Campus, os estudantes enfrentarão o desafio de redefinir a "cara" da publicação, desde a diagramação até a escolha das editorias. No primeiro semestre de 2009, a regra não foi diferente. Os alunos tiveram que criar um jornal totalmente diferente que o do semestre anterior, tanto em seu projeto editorial, quanto no gráfico.

A disciplina começou com uma pesquisa realizada pelos próprios alunos para saber o que o maior público do jornal, ou seja, estudantes, servidores e professores da Universidade, esperavam do periódico. A enquete foi realizada por meio da página de relacionamentos *Orkut* e por pesquisa de opinião feita diretamente com os leitores. Foram colhidas informações em várias localidades da UnB e, além disso, os estudantes tiveram a preocupação de escutar, de forma proporcional, os três segmentos que fazem parte da comunidade acadêmica. Ao fim da pesquisa, constatou-se que o que os leitores do Campus esperavam encontrar no jornal eram notícias relacionadas à Universidade, mas que não se prendessem ao mundo acadêmico. Foi utilizando esta informação como "norte" que os alunos escolheram as pautas durante todo o semestre.

Com o resultado da enquete nas mãos, o próximo passo era definir quantas e quais editorias deveriam existir no Campus daquele semestre. Para que essa etapa da



disciplina se desenrolasse da melhor forma possível, foi eleito o editor-chefe daquela edição, Juliana Nogueira, que pôde coordenar o processo. Usando como base o jornal do semestre anterior, os alunos decidiram, em grupo, pelas seguintes editorias: Opinião, Especial, Por Aqui, Cultura, Ciência e Tecnologia, Esporte e Saúde e Comportamento.

Na primeira editoria, o leitor encontrava em todas as edições o expediente, uma charge, o editorial, cartas de leitores, a coluna do *ombudsman*, uma homenagem aos quase 40 anos do jornal Campus, uma coluna com um convidado falando sobre um assunto relevante e uma ilustração que a acompanhava. Já na editoria Por Aqui o leitor encontrava matérias específicas sobre a UnB. Na editoria Cultura, como o nome já diz, a reportagem era sobre cultura, acompanhada sempre do Indique, coluna com sugestões de filmes, CDs e livros. Na editoria Ciência e Tecnologia, o leitor encontrava matérias sobre pesquisas e novidades tecnológicas. Na editoria Esporte e Saúde, havia sempre uma matéria sobre esporte e outra sobre saúde, acompanhadas da coluna Chute do Campus, sobre futebol. Já em Comportamento, os leitores costumavam encontrar reportagens mais bem-humoradas, ao lado de joguinhos e passa-tempos. Na editoria Especial, com se pode esperar, procurava-se encaixar matérias que eram importantes, mas que possuíam um tema que não cabia em nenhuma outra Editoria.

Com o projeto editorial pronto, os alunos puderam passar então para a etapa seguinte, a construção do projeto gráfico do jornal. Para isso, foram selecionados os quatro alunos mais talentosos nessa área, que trabalharam em conjunto em busca do melhor resultado: Leonardo Muniz, Filipe Kafino, Lucas Doca e Naiara Leão. Com essa etapa pronta, a rotina do jornal pôde começar a se delinear. Foi escolhido o secretário de redação, os repórteres e fotógrafos daquela edição. O posto de diretor de arte continuou com o aluno Leonardo Muniz, que coordenou o desenvolvimento do projeto gráfico, assim como seus diagramadores. A editora-chefe também continuou a mesma.

A escolha dos cargos na primeira edição do jornal foi feita de forma aleatória, mas à medida que o semestre avançava a repetição de cargos só era tolerada pelo professor em último caso.

Em todas as edições do jornal, assim que os alunos estavam com suas respectivas funções, era tarefa do editor-chefe e do secretário de redação, com auxílio



do professor, definir um cronograma que deveria ser seguido à risca por todos os alunos. A primeira data a ser marcada era aquela em que os repórteres deveriam sugerir pautas para que a turma, juntamente com o professor, escolhesse quais seriam as matérias que deveriam entrar no jornal. Também nessa reunião era decidido, usando como critério a dificuldade de apuração, quais repórteres teriam mais tempo para entregar suas matérias aos editores. A partir daí, os editores deveriam acompanhar de perto o desenvolvimento de cada pauta e reportar o andamento das matérias ao editor-chefe em reunião que acontecia de terça a sexta-feira às dez horas da manhã.

Na primeira reunião de editores, o cronograma era fechado. Isto significa que cada editor sabia exatamente o dia e o horário nos quais deveria entregar para a Fotografia os pedidos de infográficos e fotos, assim como quando deveria verificar se estavam prontos; o dia, hora e diagramador que iria desenhar sua página; o dia e hora que seu repórter deveria lhe entregar a matéria pronta; o dia, hora e professor que iria ajudá-lo a editar os textos de sua responsabilidade e o dia do fechamento de sua página.

O editor de Fotografia e o diretor de Arte também possuíam um cronograma, mas diferenciado. O editor de Fotografia recebia diretamente do responsável por cada editoria as orientações para que a foto ou infográficos fossem feitos. Era de sua responsabilidade organizar os seus fotógrafos e conseguir quem iria fazer os infográficos necessários para aquela edição. Também cabia a ele zelar pela qualidade das imagens juntamente com o professor Lourenço Cardoso. Já o diretor de Arte deveria organizar os diagramadores para que cada um soubesse a página pela qual eram responsáveis e quando deveriam montar a boneca e posteriormente fechá-la junto com o editor. Era obrigação de cada um dos editores repassar essas informações aos seus subordinados para que eles se organizassem da melhor forma possível.

Os editores também eram responsáveis por organizar a revisão do jornal. Por isso, em reunião marcada com antecedência, o rodízio de revisão era incluído no cronograma e repassado para toda turma. Cada página era revisada pelo menos três vezes, por pessoas diferentes, no dia de seu fechamento. Também em reunião de editores, a capa de cada edição era decidida com a ajuda dos professores Solano Nascimento e José Luiz Silva.



Na primeira edição do primeiro semestre de 2009, existiram dúvidas sobre qual matéria deveria ter o maior destaque. Havia quem acreditasse que a matéria sobre a inclusão de música nos vestibulares merecia ser a capa da edição, principalmente porque a reportagem falava diretamente da Universidade. No entanto, a maioria optou pela matéria que tratava da desnutrição dos índios, pois, além de ser um assunto inédito, tem um apelo social maior que a primeira. A manchete “Desnutrição mata 79 vezes mais índios que brancos” apresentava dados inéditos, obtidos por meio do cruzamento de números de mortes registradas no Datasus – do Ministério da Saúde – com dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Quanto às outras chamadas, a decisão foi tomada em grupo sem maiores discrepâncias.

Já na segunda edição do jornal, a decisão de qual matéria deveria ter o maior destaque foi unânime. A manchete “Nem STF respeita vagas preferenciais da UnB” mostrava que veículos que conduziam o ministro Gilmar Mendes, então presidente do Supremo Tribunal Federal, para dar aulas no curso de Direito da Universidade ocupavam de forma irregular o estacionamento destinado a portadores de deficiência. Todos os alunos concordaram que esse era o maior "furo" da edição.

Também no Campus de 25 de maio não existiu nenhuma oposição à matéria sobre a anistia se tornar o maior destaque da edição. Além de o 30º aniversário da Lei de Anistia ter ocorrido em 2009, o Campus conseguiu uma entrevista exclusiva com o ex-delegado da Polícia Federal José Armando Costa, recordista em acusações de tortura na ditadura militar. A reportagem, que rendeu a manchete “Trinta anos de perdão”, também apresentou entrevistas com torturados, cópias de depoimentos dados à Justiça Militar e um infográfico lembrando alguns dos mais importantes episódios do regime militar.

Nas outras duas edições a escolha da matéria de capa também não ofereceu muita dificuldade aos editores. Apesar de cada editor geralmente defender as matérias de suas respectivas editorias, as escolhas eram feitas em conjunto e por meio de debate. A manchete da quarta edição do semestre, “Fraude no vale-refeição”, mostrava restaurantes comprando por valores mais baixos os benefícios dados para alimentação de trabalhadores. Na quinta edição, a manchete “Formosa tem recorde de mortes sem atendimento” voltava a fazer um cruzamento inédito com dados do Datasus para



apontar as deficiências na prestação de serviço na área de saúde dentro do Distrito Federal e nas cidades de Goiás e Minas Gerais que compõem o entorno do DF.

Depois de definidos os destaques, era responsabilidade de cada editor escolher, juntamente com a Fotografia, quais imagens ilustrariam as chamadas das reportagens na capa. Os editores deveriam também criar as chamadas e as legendas das fotos, sempre respeitando a quantidade de caracteres estipulada pelo diagramador responsável pela capa.

A capa sempre era a última página a ficar pronta. E é por isso que apenas ela era fechada no dia em que o jornal deveria ir para a gráfica. Logo que ela era acabada, o professor Solano Nascimento fazia a revisão e o diretor de Arte realizava os últimos ajustes na diagramação. Assim que os dois terminavam a última revisão o jornal era fechado em formato PDF e levado por um dos alunos até a gráfica. Algumas vezes, um funcionário da própria gráfica vinha buscá-lo. Isso acontecia normalmente em uma quinta-feira, e a gráfica fazia a entrega dos jornais na segunda-feira seguinte. E, apesar de segunda-feira ser a única manhã da semana na qual a disciplina Campus não é ministrada, muitos alunos compareciam à redação para verificar como o jornal ficara depois de impresso. Além disso, quem ia até lá podia tirar a sua cota de jornais a serem distribuídos.

A entrega dos jornais aos leitores era feita de forma organizada. Cada aluno recebia a indicação do local, hora e quantidade de jornais que deveria entregar. A distribuição era feita com o objetivo de atingir o maior número de pessoas possível, ou seja, os jornais eram distribuídos de forma que atingissem estudantes de aulas ministradas de manhã, à tarde e à noite. Por outro lado, os estudantes procuravam atender à demanda dos outros *campi* e atingir todas as dependências da Universidade. Para que não houvesse mal-entendidos, o editor-chefe, juntamente com o secretário de redação, separava a quantidade exata de jornais por aluno e lhes indicava os locais de distribuição.

Simultaneamente à entrega dos jornais, os alunos buscavam saber a opinião do leitor sobre a edição, por isso, sempre era colado em uma das paredes da Faculdade de Comunicação um exemplar do Campus, que servia para que os transeuntes fizessem



seus comentários. Muitos indicavam erros de digitação e outros davam sua opinião sobre as notícias. Como em todo jornal, eram recebidas críticas e elogios.

A produção de cada edição do jornal passava por duas análises críticas do próprio grupo. A primeira ocorria na sexta-feira seguinte ao envio do PDF à gráfica, antes de o jornal ter sido rodado. Era a chamada “avaliação do processo”. Nessa reunião, erros eram apontados e coisas que deveriam melhorar eram assinaladas. Os principais problemas do jornal estavam relacionados aos prazos. Nas primeiras edições era comum a entrega atrasada de textos. Ou porque o repórter não conseguiu entregar a matéria a tempo ou porque o editor teve dificuldades para editar. Geralmente esses problemas se relacionavam à quantidade de caracteres. Muitos repórteres não enxergavam a importância de se ater à quantidade de caracteres estipulada pelos diagramadores. Isso acarretava inúmeros problemas, pois, assim que um editor recebia um texto maior ou menor do que o esperado, o protocolo indicava que ele deveria ou devolver o texto para o repórter ou mudar, ele mesmo, o que fosse necessário. Esse tipo de procedimento gerava um atraso automático no fechamento daquela página. Assim que todos os envolvidos no desenvolvimento do jornal se conscientizaram da importância de respeitar a quantidade de caracteres, esse tipo de atraso não mais ocorreu.

Outro problema comum, mas inevitável, que os alunos tinham de enfrentar, era a queda de alguma matéria. A melhor forma de se prevenir de tal mal era o acompanhamento intenso do repórter pelo editor, pois este último, assim que enxergasse as dificuldades do repórter, deveria informar o fato ao editor-chefe e ao professor, para que eles tomassem as devidas providências, caso a reportagem “caísse”.

A segunda e última reunião de avaliação de cada edição ocorria após a distribuição e leitura do jornal por parte do grupo. Era a “avaliação do produto”. Nesse encontro, eram discutidos problemas em textos, títulos, legendas, imagens e nos outros componentes do jornal. Os problemas mais comuns se relacionavam à minoria de matérias que tinha escassez de fontes e dados e, por isso, destoava do conjunto do jornal.





Além da produção do jornal, a disciplina tem a preocupação de estimular os alunos a conhecerem o trabalho de importantes repórteres da atualidade e também aqueles que fizeram história. Por isso, foram realizadas duas provas que valiam juntas 20% da nota do semestre. A primeira versava sobre o livro *O olho da rua*, da repórter Eliane Brum, e a segunda sobre o livro *10 Reportagens que abalaram a ditadura*, de Fernando Molica. O primeiro volume é uma coletânea de reportagens da autora, juntamente com seus comentários sobre como conseguiu realizá-las. Já o segundo reúne, como o próprio nome já diz, 10 reportagens que fizeram a diferença na época da ditadura. Cada uma das matérias possui também o comentário de seus respectivos autores.

### **Considerações**

A junção do caráter prático da matéria e a inspiração que esses dois livros ofereceram foram o alicerce para que os alunos matriculados na disciplina Campus conseguissem de destacar e realizar de forma inovadora e diferente os cinco jornais publicados entre 27 de abril e 29 de junho do ano de 2009. A turma, de fato, se uniu com o único objetivo de oferecer aos leitores do jornal laboratório da Faculdade de Comunicação da UnB o melhor em termos de jornalismo.

### **Referencias bibliográficas**

BRUM, E. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOLICA, F. (Org.). **10 Reportagens que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico prática. Campinas: Papiro, 2002.